

# Resenha



Emma Mawdsley - From recipients to donors: Emerging powers and the changing development landscape.

London: Zed Books, 2012

Junho, 2013

Núcleo de Cooperação técnica e Ciência e Tecnologia



**BRICS Policy Center** Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS



## Emma Mawdsley - From recipients to donors: Emerging powers and the changing development landscape. London: Zed Books, 2012

João Moura E. M. da Fonseca

*From recipients to donors: Emerging powers and the changing development landscape* é um dos primeiros livros publicados a abordar de maneira abrangente as discussões em voga sobre a atuação dos chamados parceiros de desenvolvimento (re)emergentes e suas implicações para a governança da cooperação internacional para o desenvolvimento. A autora do livro, Emma Mawdsley, é professora no Departamento de Geografia da Universidade de Cambridge, e uma das acadêmicas que mais publica sobre a temática em questão.

O livro é dividido em sete seções, ao longo das quais a autora aborda temas que vão desde o contexto relacionado às potências emergentes e sua relação com a ajuda tradicional ao futuro do campo da cooperação internacional para o desenvolvimento. No primeiro capítulo, explora as transformações na distribuição de poder global, evidenciando padrões contemporâneos e tendências na ajuda internacional, bem como os elementos particularmente relevantes aos parceiros de desenvolvimento (re)emergentes. No segundo capítulo, Mawdsley mapeia o que chama de diferentes genealogias dos parceiros da cooperação internacional para o desenvolvimento, estruturando-as através de cinco *drivers* históricos: os socialismos, o Movimento dos Países Não Alinhados, a emergência da OPEC, iniciativas das Nações Unidas associadas a cooperação Sul-Sul, e (re)lançamento de programas de cooperação por países que passaram a integrar a União Europeia entre os anos 2004 e 2007. Alcançando o presente, a autora trabalha questões relacionadas a definições e dados no terceiro capítulo, procurando realizar algumas comparações mesmo reconhecendo os limites de tal empreendimento. *Rationales*, modalidades e práticas dos parceiros não integrantes CAD-OCDE<sup>1</sup> são desenvolvidas no quarto capítulo. O capítulo 5 enfatiza a dimensão simbólica da cooperação internacional para o desenvolvimento,

---

<sup>1</sup> Comitê de Assistência ao Desenvolvimento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

discutindo o discurso e imagens mobilizadas especificamente pelos parceiros de desenvolvimento (re)emergentes. Por fim, os capítulos 6 e 7 exploram as transformações em andamento em práticas e instituições no campo, apontando os desafios a serem enfrentados nos próximos anos.

Muitos trabalhos acadêmicos recentes sobre atores (re)emergentes e cooperação internacional para o desenvolvimento costumam colapsar sua diversidade, tanto em termos de atores como de práticas, na rubrica Sul-Sul. Em oposição, aspecto interessante do livro é justamente a ênfase na variedade e como isso acresce a complexidade do tema. A partir de inúmeros exemplos, Mawdsley demonstra repetidamente a importância desses atores e suas práticas não serem tratadas como homogêneas. Assim, a autora não trabalha apenas com as chamadas potências emergentes, fazendo referências frequentes à cooperação realizada por Estados árabes, países que passaram a integrar a União Europeia em período recente e demais países ditos do Sul. Contudo, não subestima o papel particularmente importante da China: *“I have sought to stress the diversity of the non-DAC donors, and the importance of seeing beyond China – critical though China’s role is and will be”* (p. 212).

Além disso, apresenta seu objeto de pesquisa como passível de ser analisado sob uma diversidade de perspectivas teóricas, explorando inclusive perspectivas sociológicas e antropológicas que têm ganhado cada vez mais espaço acadêmico, acompanhando o crescente interesse em geral sobre a temática. Mawdsley devota espaço significativo a *insights* potenciais gerados pelos trabalhos de Marcel Mauss sobre a dádiva, e de outros que por ele foram influenciados, como Pierre Bourdieu e Marshall Sahlins. Nesse sentido, especula sobre as implicações de analisarmos a cooperação Norte-Sul como uma dádiva não reciprocada ou dádiva negativa e a (re)produção de hierarquias, bem como a hipótese da cooperação Sul-Sul, por oposição, funcionar como dádiva reciprocada.

Embora se mostrem profícuas, análises nessa chave ainda têm um longo caminho a percorrer no sentido de adaptarem as abordagens teóricas que mobilizam. Por exemplo, como colocado pela própria autora, ponto central à dádiva tal como concebida por Mauss é a sua ambivalência: *“[...] it must be offered as voluntary, disinterested and free, even as it sets an obligation at some future point to reciprocate.”* (p.147). Isto constituiria uma diferença importante em relação ao intercâmbio comercial. Não obstante a ênfase na solidariedade, o discurso da cooperação Sul-Sul

é fundamentado justamente nos interesses e benefícios mútuos implicados na cooperação, o que a afastaria da dádiva. Por outro lado, na cooperação Sul-Sul, a suposta dádiva não costuma ser reciprocada na mesma moeda *tout court*, mas através de facilidades no comércio, no acesso de empresas e alinhamento político em foros internacionais. Se concebermos tais elementos como próprios do sistema da relação de dádiva, como não afirmar que a cooperação Norte-Sul também é reciprocada?

Deve-se ressaltar o rigor da análise crítica de Emma Mawdsley. Apesar de muitos dos questionamentos por ela levantados serem trabalhos apenas brevemente devido ao amplo escopo do livro, a autora enfrenta bem temas complexos como a crítica discursiva da cooperação Norte-Sul e Sul-Sul, apontando suas alegações simbólicas e interesses velados. Justifica também evitar termos e expressões tais como “novos doadores”, “doadores emergentes” ou “países do Sul”, denotando paralelamente os limites de suas próprias escolhas vocabulares.

Nos capítulos finais, retoma-se a questão da mudança no cenário do desenvolvimento internacional e a atuação das potências emergentes. Segundo Mawdsley, transformações em regimes internacionais começam a refletir alterações mais amplas na distribuição de poder internacional. Se isso pode gerar maior representatividade e processos mais democráticos, provoca também maiores possibilidades de impasses. Em particular, no campo da cooperação internacional para o desenvolvimento, a autora nota mudanças como o maior questionamento da legitimidade do CAD-OCDE e discussão da eficácia do desenvolvimento – em oposição à eficácia da ajuda - associada amiúde a crescimento econômico. Ao final, Mawdsley sugere ainda que devemos reconhecer as inúmeras diferenças envolvidas na construção de princípios compartilhados entre os diversos atores, a fim de que não reproduzamos um entendimento puramente técnico e despolitizado de desenvolvimento, cuja natureza seria inegavelmente política.

A autora trabalha com uma grande massa de informações e literatura acadêmica, comentando uma ampla gama de perspectivas e exemplos. *From recipients to donors: Emerging powers and the changing development landscape* é uma ótima leitura tanto para aqueles que buscam uma sistematização das questões atuais mais debatidas no campo da cooperação internacional para o desenvolvimento envolvendo cooperantes não CAD-OCDE, bem como para aqueles que visam a uma análise para além da atuação de potências emergentes como Brasil, China e Índia.